

Originais recebidos em 28/06/2023. Aceito para publicação em 06/03/2024.  
Avaliado pelo sistema *double blind peer review*. Publicado conforme normas da ABNT.  
*Open access free available online.*  
DOI: <https://doi.org/10.35700/2316-8382.2024.v2n15.3569>

# ASSÉDIO ÀS MULHERES EM CONTEXTO DE TRABALHO: UM ESTUDO DE CASO DAS PERSONAGENS MULHERES DA SÉRIE THE MORNING SHOW

Nicole do Nascimento<sup>1</sup> - <https://orcid.org/0009-0003-7055-2310>

Saionara Figueiredo Santos<sup>2</sup> - <https://orcid.org/0000-0003-4522-5476>

## RESUMO

Considerando que a representatividade é uma forma de enriquecer debates sociais, neste artigo analisamos a série dramática *The Morning Show* (2019), que apresenta casos de assédio sexual no ambiente de trabalho. O objetivo geral desta pesquisa é exemplificar a representação dos casos de assédio em personagens mulheres na série. Os objetivos específicos são caracterizar esses casos, debater teoricamente e mostrar sua repercussão com a ajuda dos movimentos virtuais como o #metoo. Este estudo é qualitativo, de caráter exploratório e seu método foi o estudo de caso. Os autores que embasam nossas observações são Andrade e Assis (2018) e Oliveira (2011). Como resultados, trouxemos cenas da série que contêm a representação dos impactos das denúncias de assédio contra a mulher, da relativização do machismo em contexto de trabalho e da relevância da mídia e sua forma de abordagem do tema.

**Palavras-chave:** mídia; feminismo; perspectiva de gênero; audiovisual; poder.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos da Tradução. Professora de Tradução no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - Campus Palhoça Bilíngue.

# HARASSMENT OF WOMEN IN THE WORKPLACE: A CASE STUDY OF WOMEN CHARACTERS FROM “THE MORNING SHOW” TV SERIES

## ABSTRACT

Considering that representation is a way of enriching social debates, in this article we analyze the drama series *The Morning Show* (2019), which presents cases of sexual harassment in the workplace. We use knowledge in power relations, use of hashtags and harassment. The general objective of this research is to exemplify the representation of harassment of female characters in the series. The specific objectives are to characterize these cases, debate them theoretically and show their repercussion with the help of virtual movements such as #metoo. This is a qualitative, exploratory study using the case study method. The main authors that support our observations are Andrade and Assis (2018) and Oliveira (2011). The results show scenes from the series which portrays the impacts of harassment complaints against women, the relativization of sexism in the workplace and the relevance of the media and its approach to the issue.

**Keywords:** media; feminism; gender perspective; filmmaking; power.

## INTRODUÇÃO

No contexto de trabalho, as relações de poder são enraizadas e estruturalmente estabelecidas, o que gera uma cultura de dominação que interfere em inúmeras questões de saúde de mulheres, por exemplo, o fator segurança. Foucault, ao tratar do poder, exalta que ele pode reprimir, mas também produz efeitos de saber e verdade, captando "(...) o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam" (Foucault, 1972, p. 182). Com as interseccionalidades que as relações de poder revelam, esses padrões são muito mais evidentes.

No que se refere às imbricações entre assédio sexual e moral, as mulheres são as que mais sofrem, podendo ser vítimas de ameaças sexistas e machistas. Quando recusam situações com conotação sexual, são humilhadas e ficam constrangidas. Esta realidade é encontrada em todas as atividades profissionais e níveis hierárquicos (Andrade e Assis, 2018, p. 11).

No decorrer dos anos, a mídia vem retratando de maneira realista os casos de assédio moral

e sexual contra mulheres. Parte dessa maior exposição se dá graças aos constantes movimentos sociais, especialmente na internet, como as *hashtags* #metoo e #meuprimeiroassedio, que aceleraram a divulgação desse tema. Em vista disso, o seriado *The Morning Show* (Apple TV), que foi lançado em 2019, trouxe em sua trama casos de assédio moral e sexual contra mulheres em contexto de trabalho em uma rede de televisão estadunidense, mostrando não só as relações de poder comuns de um ambiente corporativo, mas também a influência da fama nas resoluções desse tipo de problema.

Apesar de não ser possível padronizar realidades no que diz respeito às relações de gênero, existem semelhanças entre a realidade estadunidense e a realidade brasileira, principalmente no que tange à repercussão de atitudes machistas, já que, como ressaltado, as relações de poder estão intrínsecas na sociedade de modo geral. Assim, tais representações na mídia podem gerar familiaridade aos espectadores de fora dos Estados Unidos.

Para tanto, trazemos como objetivo geral desta pesquisa identificar e exemplificar como é feita a representação dos casos de assédio em personagens mulheres na série *The Morning Show* (2019). Como objetivos específicos, caracterizar os casos de assédio e machismo na série, debater teoricamente tais casos, além de mostrar sua repercussão com a ajuda dos movimentos virtuais como o #metoo.

Enquanto sociedade, no contexto das relações de trabalho, nem sempre o pensamento foi favorável à presença feminina. Porém, com a evolução do trabalho feminino, “[...] a temática do assédio sexual ganha espaço, pois essa conduta fere a igualdade e dignidade profissional das mulheres” (Dutra, 2015, p. 9). Ainda:

A discussão atual em torno do assédio sexual revela, em verdade, uma mudança de postura, que envolve as alterações nas relações de gênero. De uma concepção de que a agressividade sexual masculina é natural e irreprímível, cabendo à mulher não provocar os homens, transferindo-se assim toda a responsabilidade à culpa feminina, passou-se a ideia de que as pessoas, inclusive as mulheres, devem ter o direito de dispor de si mesmas, de conduzir livremente sua vida privada e sua liberdade sexual (Gosdal, 2003, p.225).

Dessa forma, o fenômeno histórico da violência contra a mulher é fruto de relações de desigualdade de gênero, aliado aos esquemas de opressão de raça, classe e sexualidade. O patriarcado tem um papel dominante nesses esquemas de dominação. Saffioti (1987) comenta: É de extrema importância compreender como a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a "superioridade" dos homens. Isso porque:

(...) os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social homens exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência. Com efeito, a ideologia de gênero é insuficiente para garantir a obediência das vítimas potenciais

aos ditames do patriarca, tendo este, necessidade de fazer uso da violência (Saffioti, 1987, p. 11).

Mulheres trabalhadoras são alvos do machismo sistêmico em seus ambientes de trabalho, o que afeta sua vida profissional e também a pessoal, já que o trabalho é o principal meio para sua independência. Além disso, a cultura de descrença às vítimas de assédio alimenta comportamentos permissivos, perigosos e que permanecem impunes, trazendo insegurança e problemas psicológicos às mulheres vítimas e expostas a essa violência.

Com os movimentos de globalização que provocaram a internacionalização de nações, povos e culturas, não se pode afirmar que há sociedade homogênea. E, por essa razão, não somos imunes a “[...] racismo ou a intolerâncias correlatas; conseqüentemente, o imperativo de considerar a interação do racismo ou de outras intolerâncias com o sexismo continua sendo válido” (Crenshaw, 2002, p. 184).

### **Contexto Teórico: Relações de Poder e Assédio**

No universo da série, são abordadas as vivências em um ambiente de poder e de fama, no contexto de trabalho. Essas vantagens em favor dos personagens que representam o homem rico, branco e famoso não são nada ficcionais, muito pelo contrário. Sobre isso, podemos afirmar que:

Os Estados Unidos tinham um sistema para silenciar queixas de assédio sexual que muitas vezes ajudava os assediadores a continuar com suas práticas em vez de impedi-los. Era comum que as mulheres assinassem um documento que tirava delas o direito de falar sobre suas próprias experiências. Os assediadores com frequência seguiam em frente, encontrando novos terrenos onde cometer os mesmos atos (Kantor; Twohey 2019, p. 76-77).

É possível perceber em contextos assim a situação de risco que as mulheres vivenciam em seus trabalhos, considerando que todo e qualquer lugar é passível de acontecer algo contra elas e mesmo assim nada ser feito a respeito, ou ainda de receberem uma oferta de compra de seu silêncio – por exemplo, sendo promovida de cargo para não levar adiante a denúncia.

Se faz indispensável a criação de um canal efetivo e seguro para recebimento de denúncias (com a possibilidade de denúncias anônimas), bem como a existência de apoio psicológico para empregados assediados, pois sem um meio seguro para relatar o ocorrido, e observando que não se trata de um valor da empresa a tendência da vítima é se calar (Pereira, 2020, p. 54).

O poder, financeiro e sobre a carreira, impacta diretamente os casos de assédio em ambiente de trabalho. É difícil ter um desprendimento dessa relação. Hirata e Kergoat (1978, p.44) explicam que “Patriarcado e capitalismo se combinam e exploram dominando e dominam explorando”. Conseguimos perceber tais relações se perpetuando até hoje. Portanto, mesmo que a relação entre assediador e vítima possa até mesmo ser declarada como consensual, é preciso se atentar aos impactos que ela pode estar provocando.

O machismo em contexto laboral é uma das raízes de boa parte dos problemas vividos por mulheres. E, com as hierarquias, podem-se agravar essas circunstâncias, tornando-se, em muitos casos, até mesmo insalubre o ambiente para as mulheres exercerem suas profissões. Murray JS *apud* Andrade e Assis (2009) ainda complementa que:

Sendo o assédio moral no trabalho (AMT) considerado um abuso de poder, com humilhações e intimidações que prejudicam a trajetória profissional e a saúde dos(as) trabalhadores(as), são necessárias políticas de prevenção e coibição da violência. As ocorrências devem ser denunciadas. Para isso, é preciso que os profissionais saibam identificar o AMT e evitá-lo (Murray *apud* Andrade; Assis, 2009, p. 7).

O assédio é algo que apresenta diversas variantes e tem diferentes maneiras de se revelar. Dentro do contexto de trabalho, existem formas sutis do assédio se fazer presente, justamente para não levantar suspeitas contra os assediadores. Essa discrição também acaba trazendo sensação de proteção às vítimas, que em grande parte se sentem culpadas e responsáveis pelo assédio que sofrem. Segundo Duarte e Spinelli (2018, p. 2):

O componente patriarcal transcende a questão de cifras salariais convertendo-se também em modelo de relacionamento entre homens e mulheres no ambiente de trabalho. O assédio é fruto de uma relação que naturaliza as mulheres enquanto seres inferiores, pouco capacitados e com corpos disponíveis (Duarte; Spinelli, 2018, p. 2).

As *hashtags* são mecanismos de agrupamento de conteúdos e temas específicos, facilitando a pesquisa do interesse do usuário nas redes sociais (Reis, 2017). O uso de *hashtags* para impulsionar a visibilidade do tema de assédio e machismo traz benefícios à primeira vista, segundo Andrade e Assis (2018):

(...) narrar suas histórias de violência com outras mulheres nos sites de redes sociais torna-se um poderoso ato político à medida que gera, em resposta, muitas outras histórias, sentimentos de indignação e motivos para uma (re)ação coletiva. O volume resultante de relatos dá a dimensão de quão prevalente é o crime, a profundidade do dano para as vítimas e como o silenciamento representa uma força conivente com a perpetuação das violências (Andrade; Assis, 2018, p. 12).

Mas também é preciso estar atento e fazer um recorte social, pois o acesso a todo esse compartilhamento de experiências e rede de apoio não necessariamente acontece fora dos ambientes digitais. Assim, há mulheres que não publicam seus relatos no movimento da *hashtag* e muitas vezes acabam dependendo somente da comunidade ao redor, sem acesso à internet como meio de comunicação.

## METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como qualitativa, de abordagem exploratória, tendo como metodologia o Estudo de Caso. A pesquisa qualitativa, para Creswell (2007):

(...) pode ser uma lente ou perspectiva teórica que levanta questões relacionadas a gênero, classe ou raça, ou uma combinação entre esses itens. A teoria também aparece como um ponto final de um estudo qualitativo, uma teoria gerada, um padrão ou uma generalização que emerge indutivamente da coleta e análise de dados (Creswell, 2007, p. 148).

Já o estudo de caso, de acordo com Stake pode ser definido como aquele:

(...) no qual o pesquisador explora em profundidade um programa, um fato, uma atividade, um processo ou uma ou mais pessoas. Os casos são agrupados por tempo e atividade, e os pesquisadores coletam informações detalhadas usando uma variedade de procedimentos de coleta de dados durante um período de tempo prolongado (Stake *apud* Creswell, 2007, p. 32).

Nesse estudo, serão descritas cenas da série em que há cenas de assédio em personagens mulheres. Usamos os escritos de Azubel (2017), que em sua tese de doutorado construiu a Análise Fílmico-Compreensiva da Narrativa Seriada, que é uma coordenação das etapas de:

"Análise Fílmica da Narrativa, de Francesco Casetti e Federico Di Chio (2013), (os processos de decomposição e recomposição), com os pressupostos da Sociologia Compreensiva maffesoliniana (2010), (a crítica ao dualismo esquemático, o formismo sociológico, a sensibilidade relativista, a pesquisa estilística e o pensamento libertário) (Azubel, 2017, p.34).

Azubel (2017) explica que, nessa metodologia de análise, iniciamos com a Decomposição (com o objetivo de descrever) e, por fim, com a Recomposição (com o objetivo de interpretar). Mediante a primeira etapa, identificamos os componentes do tema em estudo e catalogamos o que é pertinente aos propósitos da investigação. Já na segunda fase, iluminamos esses elementos de modo a compreendê-los.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### **Decomposição - A Série *The Morning Show* (2019)**

A série *The Morning Show* (2019) é uma série estadunidense do gênero drama, produzida pela Apple TV+ e lançada em novembro de 2019. Tem duas temporadas, sendo que a segunda ainda está em andamento, portanto o estudo foi realizado tendo como objeto a primeira temporada. Foram analisados os episódios de 1 a 10 no que diz respeito à presença de atitudes machistas e misóginas. O corpus dos episódios, com seus respectivos nomes, estão abaixo. Encontramos a presença de atitudes machistas e misóginas nos episódios em negrito (Quadro 1), a saber, o episódio 3, 4, 5, 8, 9 e 10:

Quadro 1 – Apresentação dos episódios da série *The Morning Show* (2019).

Ep. 1	<i>"In the Dark Night of the Soul It's Always 3:30 in the Morning"</i> "(Na Noite Profunda e Escura da Alma São Sempre Três e Meia da Manhã)"
Ep. 2	<i>"A Seat at the Table"</i> "(Um Lugar à Mesa)"
Ep. 3	<i>"Chaos Is the New Cocaine"</i> "(O Caos é a Nova Droga)"
Ep. 4	<i>"That Woman"</i> "(Aquela Mulher)"
Ep. 5	<i>"No One's Gonna Harm You, Not While I'm Around"</i> "(Ninguém Vai Lhe Machucar)"
Ep. 6	<i>"The Pendulum Swings"</i> "(O Pêndulo Balança)"
Ep. 7	<i>"Open Waters"</i> "(Mar Aberto)"
Ep. 8	<i>"Lonely at the Top"</i> "(A Solidão no Topo)"
Ep. 9	<i>"Play the Queen"</i> "(Jogue a Rainha)"
Ep. 10	<i>"The Interview"</i> "(A Entrevista)"

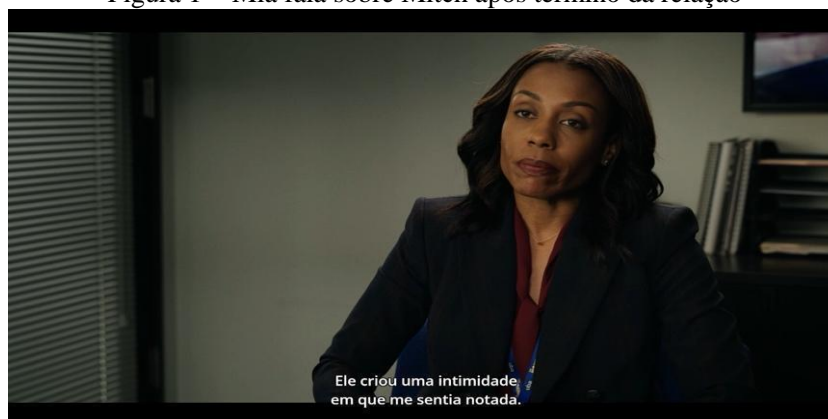
A história da série conta as dificuldades e reviravoltas na vida da personagem Alex Levy (Jennifer Aniston) após vir à tona uma denúncia de assédio sexual envolvendo seu companheiro de bancada na televisão, Mitch Kessler (Steve Carrell) e uma de suas colegas de trabalho. Para substituir Mitch na bancada, a personagem Bradley Jackson (Reese Witherspoon) é contratada pela empresa. A entrada dessa personagem traz tensão para a trama ao abordar o tema da rivalidade feminina entre as apresentadoras. Também se desenvolve no enredo um cenário de investigação do caso de assédio.

## Decomposição e Recomposição: o caminho descritivo e interpretativo de análise

Na série, existem três representações distintas de assédio, ocorridas nos episódios 3, 4, 5, 8, 9 e 10. No caso principal, a personagem Hannah, após se encontrar amigavelmente com Mitch depois de um trabalho, dá-se conta de que seu colega estabeleceu contato íntimo com ela, que, em choque, não conseguiu se manifestar contra.

O outro caso apresentado na história foi o da personagem Mia, assistente de Mitch e que foi amante dele por anos, até que Mitch resolveu terminar a relação e pediu para que ela trocasse de cargo. Por mais que a personagem declare como consensual o adultério, as nuances da relação e os impactos na carreira de Mia após o término, mostradas no episódio 4, como representa a Figura 1 a seguir.

Figura 1 - Mia fala sobre Mitch após término da relação



Fonte: Apple TV (2019).

E, por último, a série retrata os microassédios que Mitch cometia com todas as mulheres de seu círculo, fazendo comentários machistas, mas sempre em tom bem-humorado para disfarçar a seriedade dos comentários e minimizar seus impactos. Essas falas contribuía para uma visão do assediador apenas como “mulherengo”, “engraçadinho”, “galã” e tantos outros adjetivos não vistos como perigosos e sim como triviais, até mesmo pelas próprias mulheres ao redor dele (como é visto no contexto em que as cenas do episódio 8, mostradas nas Figuras 2 e 3). Todos os discursos, inclusive as piadas, carregam valores culturais e, no caso de brincadeiras machistas, esse valor é a misoginia (Lara apud Depexe, 2017).

Figura 2 - Mitch faz comentário misógino para Alex



Fonte: Apple TV (2019).



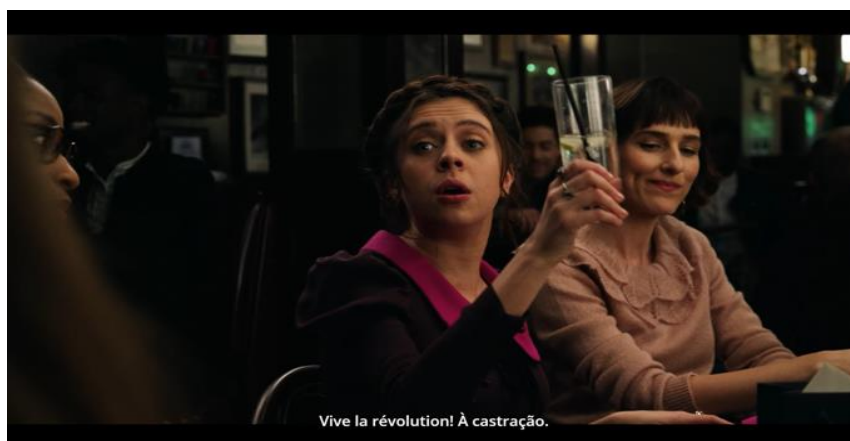
Figura 3 - Alex responde o comentário, e, ambos riem da situação



Fonte: Apple TV (2019).

Em uma das cenas da série, algumas mulheres da equipe do programa saem para um bar após o trabalho. Lá, conversam sobre os escândalos vivenciados na empresa e também compartilham suas opiniões sobre o que é aceitável ou não dentro do ambiente de trabalho. Algumas trazem uma opinião conformista sobre os homens no geral; todavia outras trazem uma perspectiva de indignação e de posicionamento contra os assédios e fortalecendo o apoio entre elas, como se vê na cena do episódio 5, observado nas Figuras 4 e 5.

Figura 4 - Chloe no bar grita a favor da revolução feminista, em seguida Mi responde.



Fonte: Apple TV (2019).

Figura 4 - Resposta de Mia



Fonte: Apple TV (2019).

Com essa representação, a série reforça a importância de conversar sobre o assunto com outras mulheres, pois é nas trocas de experiências e vivências que as mulheres podem estar mais preparadas e confortadas em momentos de fragilidade. Saber que é um problema sistêmico e não individual também ajuda a tirar o sentimento de culpa que as mulheres costumam ter ao serem assediadas.

Muitas vítimas suportam por um longo período de tempo esta situação degradante antes de recorrerem ao Poder Judiciário, ou por não conhecerem seus direitos, ou muitas vezes em razão do medo de não almejar sucesso em uma ação judicial, ficarem desempregadas, ou seja, sem o seu salário no final de cada mês, muitas vezes, o único meio de subsistência da trabalhadora (PEREIRA apud MOURA, 2011. p. 27).

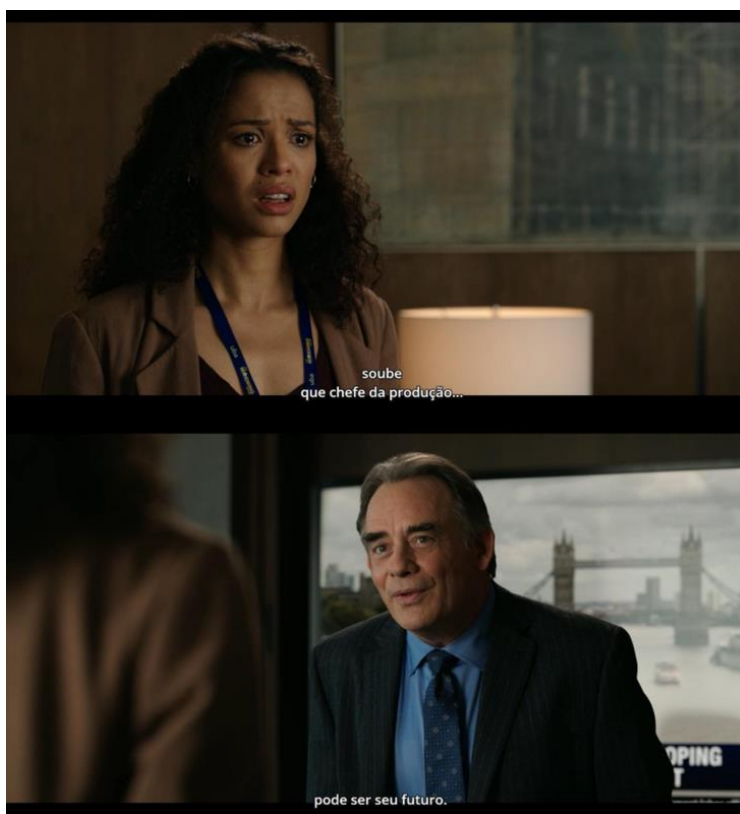
Na série, a *hashtag* #metoo é mencionada diversas vezes de forma pejorativa por personagens homens, como por exemplo, no episódio 3 (minutagem de 31:15 - 31:34), Fred Micklen, o diretor da network responsável pelo programa de televisão, diz: “A discussão... esse tal de #metoo é tão puritano e míope. Não se fala nisso! A mulher pode falar qualquer

*coisa de você, não importa a sua motivação, e tudo que você fez na vida vai por água abaixo. A carreira é simplesmente apagada.”*

Isso ilustra a quão complicada é a busca pelos direitos das mulheres e o combate às violências por elas sofridas. Na maior parte das vezes, essas ações (por exemplo, a promoção de Hannah) são para acobertar crimes misóginos e livrar homens de denúncias, e não de defesa e proteção da carreira e da vida das mulheres. Na série, é representado no episódio 8 (Figura 5) o momento em que Fred Micklen compra o silêncio de uma das mulheres que sofreram o abuso, elevando o cargo dela na empresa. Segue o diálogo:

- Eu acabei de voltar de Las Vegas, do The Morning Show.
- O que é, querida?
- Mitch Kessler me convidou para seu quarto para ver um filme, e então ele...
- Você não precisa dizer... Você não precisa dizer nada. Como é seu nome?
- Meu nome é Hannah Shoenfeld. Sou uma produtora júnior. Hannah Shoenfeld... Eu ouvi falar de você, ouvi dizer que está fazendo um excelente trabalho. Hannah Shoenfeld, eu ouvi dizer que Chefe de Produção pode estar no seu futuro.
- Então... é assim que acontece?
- Claro, pessoas fazem um excelente trabalho e são promovidas. É exatamente assim que acontece!
- Então, eu sou Coordenadora de Produção agora?
- Sim!
- Ok.

Figura 5 - Hannah sendo silenciada



Fonte: Apple TV (2019).

A cena representa um exemplo de conduta indevida diante de uma denúncia, considerando que é obrigação do empregador assegurar um ambiente de trabalho apropriado, usando seus poderes de sua função para evitar casos de assédio sexual (Oliveira, 2011).

Outro exemplo de uso do feminismo e das *hashtags* progressistas de forma controversa é a feita pelo personagem Cory Ellison, cujas falas se mostram em favor das mulheres e vítimas dos casos de assédio da *network* enquanto suas ações demonstram que suas reais intenções são apenas para atingir altos números de audiência com escândalos, usando tragédias como se fossem shows, banalizando esses cenários criminosos e retirando a credibilidade dos movimentos feministas, como mostra a Figura 6, exibidas no episódio 3. As *hashtags* se mostram muito efetivas na conscientização e nas denúncias de violência sexual, mostrando o papel importante do jornalismo na ruptura do silêncio entre as mulheres e a discussão do assédio (Rocio; Alves, 2021).

Figura 6 - Cory conversa com Fred



Figura 6 - Cory conversa com Fred (continuação)



Fonte: Apple TV (2019).

O contexto de trabalho já é cruel com as mulheres e, somando-se ao fator raça, dentro do ambiente, a periculosidade e fragilidade escalam, sendo ainda mais difícil lidar com todas essas questões e inseguranças no momento de fazer denúncias. Representando essas

dificuldades e problemas sérios em peças audiovisuais, é possível termos um alcance mais significativo do tema, ajudando aquelas pessoas que passam ou passaram por momentos semelhantes. Espelhar-se em uma obra traz conexão e, nesses casos, pode estimular a coragem necessária para enfrentar o problema na sua realidade.

A série vinga a personagem principal na cena em que Mitch apanha do personagem Chip (Figura 7), que era produtor do programa. A temporada concluiu deixando em aberto se ocorrerá algum prejuízo judicial ou a prisão do abusador, mas ao menos a sensação de justiça moral é oferecida.

Figura 17 - Mitch com olho roxo



Fonte: Apple TV (2019).

É importante salientar ainda que, ao final da temporada, há a disputa de poder na emissora. Ao ouvir o relato de uma das vítimas na série (por exemplo, com a personagem Hannah, que sofreu com a cultura de intimidação e silêncio que prevalecia dentro da empresa após realizar uma denúncia ao seu chefe<sup>1</sup>). A partir dessa cena, verifica-se na prática um fenômeno observado em pesquisas acerca dos efeitos da violência sexual: as vítimas costumam reviver involuntariamente a agressão sofrida ou a experiência vivida, por meio de pesadelos e profundo mal-estar (Moura, 2014). Ficam claros seus sentimentos de nojo e culpa, responsabilizando-se pelo que aconteceu com ela e sentindo-se responsável pela demissão de seu chefe direto, necessária para viabilizar sua promoção (Melo, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo exemplificamos com a série *The Morning Show* (2019) as representações de assédio com mulheres no ambiente de trabalho sob a ótica de autores para a discussão teórica, além de evidenciar o uso das *hashtags* de mobilização social como instrumentos de notoriedade para as sutilezas do machismo e misoginia.

Conseguimos, por meio da pesquisa, identificar e exemplificar como é feita a representação dos casos de assédio em personagens mulheres na série *The Morning Show*

<sup>1</sup> Ver em episódio 8 (minutagem 54:39 a 59:04)

(2019), além de caracterizar os casos de assédio e machismo na série, debatendo teoricamente tais casos, além de mostrar sua repercussão com a ajuda dos movimentos virtuais como o #metoo.

O estudo de caso, aliado a Análise Fílmico-Compreensiva da Narrativa Seriada, como método, supriu as necessidades do artigo, evidenciando assim que os objetivos da pesquisa foram cumpridos. Tendo em vista a importância das produções audiovisuais, tudo que é retratado nelas tem papel crítico e social e a série *The Morning Show* (2019) desempenhou papel relevante nesse quesito. A história é preenchida por diversos espaços de silêncios e atitudes entre os personagens que trazem a tensão a quem assiste, fazendo-o se colocar no lugar destas pessoas e provocando empatia.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. B.; ASSIS, S. G. Assédio moral no trabalho, gênero, raça e poder: revisão de literatura. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional** [online]. 2018, v. 43, e.11. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2317-6369000012917>>. Epub 23 Jul 2018. ISSN 2317-6369. Acesso em: 13 fev. 2021.

AZUBEL, L. **Uma série de contos e os contos em série**: o imaginário pós-moderno em *Once Upon a Time*. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

AZUBEL, Larissa. Análise fílmico-compreensiva da narrativa seriada: uma proposta metodológica para ler o imaginário em séries de TV. **Revista GEMInIS**, v. 9, n. 2, p. 29-45, 2018.

CRENSHAW, K. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **UCLA**. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2.ed. Porto Alegre: Artmed. 2007. Acesso em: 20 fev. 2021.

DEPEXE, S.; GELAIN, G.; CORRÊA, L. #primeiroassedio: quando a tela da TV é só o começo. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 277-286, 18 abr. 2017. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/fem.2017.192.12>. Acesso em: 27 fev. 2021.

DUARTE, G.; SPINELLII, L. M. Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada. **Revista Sociais e Humanas**, 32(2). 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2317175836316>. Acesso em: 25 fev. 2021.

DUTRA, L. Z. O papel do assédio sexual na discriminação da mulher nas relações de trabalho. **Revista Eletrônica Curso Direito Fac OPET**, v. 7, n. 13, p. 1-21, 2015. Acesso em: 25 fev. 2021.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Acesso em: 13 fev. 2021.

GOSDAL, Thereza Cristina. **Discriminação da mulher no emprego**: relações de gênero no direito do trabalho. Curitiba: Genesis, 2003.

HIRATA, H. Gênero, Patriarcado, Trabalho e Classe. **Revista Trabalho Necessário** n. 16, p. 16, n.29/2018. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.16i29.p4552>. Acesso em: 27 fev. 2021.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Ouvriers ouvrières**. In: Critique de l'Economie Politique, n° 5. Paris, 1978.

KANTOR, J.; TWOHEY M. **Ela disse**: os bastidores da reportagem que impulsionou o#MeToo. Companhia das Letras, 2019. Acesso em: 15 fev. 2021.

KERGOAT, D. Ouvriers. **Critique de l'Economie Politique**, n° 5. Paris, 1978. Publicado também em *Se battre, disent-elles*, Paris, La Dispute, 2012. Acesso em: 20 fev. 2021

MELO, L. C. d. Desvitimização: a cultura do estupro na série The Morning Show. **GP Ficção Seriada, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Disponível em <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0966-1.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2021.

MOURA, J. B. O. **A Inquirição de Vítimas em Delitos Sexuais**. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa (Portugal). Acesso em: 13 fev. 2021.

PEREIRA, S. B. S. **Assédio Sexual no Ambiente de Trabalho**: um estudo à luz dos direitos das mulheres. 2020. 72 f. Independently Published; 1ª edição (3 de junho de 2022).

REIS, J. S. **Feminismo por hashtags**: as potencialidades e riscos tecidos pela rede. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Mundos de Mulheres. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503731675\\_ARQUIVO\\_jose\\_mirareis\\_fazendogenerov2.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503731675_ARQUIVO_jose_mirareis_fazendogenerov2.pdf). Acesso em: 27 fev. 2021.

ROCIO, L.; HENRIQUES, R.; ALVES, G. Bastidores da reportagem sobre assédios sexuais que gerou o movimento #metoo: reflexões sobre o jornalismo com perspectiva de gênero. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 15, n. 2. 2021. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v15i2.2336>. Acesso em: 2 mar. 2021.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. Acesso em: 13 fev. 2021.

SILVA, P. G. Quando as hashtags não chegam: o lugar da mídia no ordenamento e na constituição da sociedade. **Revista Temática**. Ano XIII, n. 09. Setembro/2017. NAMID/UFPB. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8931.2017v13n9.36152>. Acesso em: 2 mar. 2021.



The Morning Show [Seriado]. Direção: Mimi Leder, Kevin Bray, Roxann Dawson, David Frankel, Lynn Shelton e Tucker Gates. Produção: Media Res, Kerry Ehrin Productions, Echo Films, Hello Sunshine. Estados Unidos: Apple Inc, 2019. (9.5 horas), son., color, 2019.